

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
FERNANDO MATOS SILVA: O CINEMA A FAZER A REALIDADE – CARTA BRANCA  
10 de janeiro de 2024

## ANTES A SORTE QUE TAL MORTE / 1981

Um filme de João Matos Silva

**Realização:** João Matos Silva / **Argumento:** Álvaro Guerra, João Matos Silva, Fernando Matos Silva / **Diálogos:** Álvaro Guerra, João Matos Silva, Fernando Matos Silva, Margarida Gouveia Fernandes / **Direção de fotografia:** José Luís Carvalhosa / **Operador de câmara:** Vítor Estevão / **Assistência de imagem:** Octávio Espírito Santo, Alexandre Gonçalves / **Iluminação:** José Mourão / **Eletricistas:** Manuel Amaral, Emílio Castro, Júlio Sequeira, Manuel Carlos Silva / **Decoração:** José Espiga Pinto / **Fotografia de cena:** Luís Martins Saraiva / **Direção de som:** Carlos Alberto Lopes / **Operador de som:** José Lopa Gonçalves / **Misturas:** Luís Barão / **Música:** Alberto Paulino Augusto, Luís de Freitas Branco, Paulo Brandão / **Letra das canções:** Edgar Gonsalves Preto / **Montagem:** João Matos Silva, Clara Bérrio / **Assistência de realização e montagem:** Monique Rutler / **Anotação:** Gabriela Mesquita / **Interpretação:** Rui Mendes (Luís Vaz), Maria Emília Correia (Maria), Artur Semedo (António de Faria), Maria Helena Matos (Tia Custódia), Maria Schultz (Tia Violante), Henrique Santos (Frei Januário), Adelaide Susana (Berta), Mali Gusmão (Berta), Pedro Efe (criado), Américo Freitas de Oliveira, Amílcar Botica, António Cara d'Anjo, Bom-bom, Henrique Viana, José Martins, José Gomes, Lia Gama, Luís Lucas, Luís Martins Saraiva, Luís Santos, Malicha Fernandes, Manuel Cavaco, Maria Tavares, Morais e Castro, Vicente Galfo

**Produção:** Cinequipa / **Direção de produção:** Fernando Matos Silva / **Cópia:** 16mm, cor, falada em português / **Duração:** 78 minutos / **Estreia:** Festival de Cinema da Figueira da Foz, 9 de setembro de 1981 / Inédito comercialmente / **Primeira (e única) apresentação na Cinemateca:** 18 de abril de 1984, no ciclo “25 de Abril – Imagens”

Com a presença de João Matos Silva e Fernando Matos Silva.

**AVISO:** a cópia que se irá exibir apresenta visível degradação cromática.

---

João Matos Silva é o irmão mais velho de Fernando Matos Silva. Os seus percursos são, em vários momentos, muito próximos. Fizeram ambos o Curso de Cinema Experimental coordenado por António da Cunha Telles em 1961 no Estúdio Universitário da Mocidade Portuguesa. Ambos estagiaram em **Os Pássaros de Asas Cortadas**, de Artur Ramos, e ambos foram pouco depois convidados por Cunha Telles a participarem nas rodagens de **Os Verdes Anos** e **Belarmino**. João Matos Silva trabalhou em vários filmes, em particular foi assistente de realização de Fernando Lopes na curta-metragem **Hoje, Estreia** e na sua segunda longa-metragem, **Uma Abelha na Chuva**. É nesse momento (1968) que se envolve na preparação do documento “O Ofício do Cinema em Portugal”, entregue à Fundação Calouste Gulbenkian na sequência da Semana de Estudos sobre o Novo Cinema Português – e será nesse mesmo ano que, com uma bolsa da mesma fundação, iniciará os seus estudos na London School of Film technique, a mesma escola onde o irmão havia iniciado os seus estudos três anos antes. Será, então, um dos membros fundadores do Centro Português de Cinema e nesse contexto assumirá as funções de diretor de produção nos primeiros filmes do CPC, nomeadamente **Pedro Só** (Alfredo Tropa, 1971) e **O Mal-Amado** (Fernando Matos Silva, 1974) – e mais tarde, será produtor executivo em **Amor de Perdição** (Manoel de Oliveira, 1978), já em representação da Cinequipa.

Na realização, João Matos Silva inicia o seu percurso na televisão em 1971, nos programas de João Martins, “Ensaio” e “Impacto”. Aí, juntamente com o irmão, realizam vários episódios destes magazines culturais, ora em tom de reportagem de rua, ora – mais tarde – aproximando-se da prática etnográfico – registo esse que ecoará na sua primeira longa-metragem, **Cavalgada Segundo S. João, o Baptista** (1976-77). Depois do 25 de Abril, João Matos Silva funda, com o irmão e outros membros, a cooperativa Cinequipa e será no âmbito dos contratos que esta mesma cooperativa estabelece com a RTP que João Matos Silva realizará algumas dezenas de episódios nas séries “Nome Mulher” e “Ver e Pensar” – realizações não creditadas, uma vez que, segundo espírito da época, todos os filmes da cooperativa eram assinados coletivamente. O seu primeiro filme assinado em nome individual terá sido “Um Filme Paralelo”, espécie de *making of* de **O Mal-Amado**, mas o mesmo nunca terá sido finalizado e os respetivos materiais ter-se-ão perdido.

Chegamos, então, a **Antes a Sorte que Tal Morte**, primeira e única longa-metragem de ficção do realizador. Filmado entre 1975 e 1978, mas só estreado em 1981, o filme foi escrito pelo mesmo trio que engendrou **O Mal-Amado**, a saber, além do realizador e do irmão, o jornalista e escritor Álvaro Guerra (que começara a trabalhar com a dupla no referido programa “Ensaio”). De facto, há uma certa filiação narrativa e uma certa aproximação tonal entre **O Mal-Amado** e **Antes a Sorte que Tal Morte**: os dois partem de um complexo triângulo amoroso (no filme de Fernando, duas mulheres e um homem, no de João, dois homens e uma mulher) para tecerem uma trama composta de cenas soltas (quase em jeito de *sketchs*) que se serve dos dilemas trágico-românticos do trio como trampolim para a sátira política e de costumes. Se bem que o espírito derrisório do filme de João Matos Silva é bastante mais cortante, troçando de tudo e de todos: da família à igreja, do patrão aos diligentes empregados, da política à história de Portugal. A grande diferença entre os dois filmes, naturalmente, prende-se com a Revolução que os separa. No entanto, não é por acaso que João Matos Silva tenha decidido fixar a ação de **Antes a Sorte** nos últimos dias antes do 25 de Abril: o filme procura retratar – em modo crítico – as contradições da “transição democrática”, isto é, o reacionarismo dos setores mais conservadores da sociedade e o aproveitamento cosmético do linguajar e do parecer revolucionário por parte daqueles que singraram durante o Estado Novo.

Luís Vaz (Rui Mendes) é estudante e ex-combatente da guerra em África (como o João de **O Mal-Amado**) e conhece Maria (Maria Emília Correia) que vinha sendo cortejada por um capitalista, António (Artur Semedo), que dá guarida a duas velhas tias e a um frade dominicano. Possessivo (como todos os capitalistas) António rapta Maria. Luís Vaz junta-se à governanta negra que trabalha para as tias e montam um assalto à casa apalaçada para assim conseguirem libertar a donzela. Há troca de tiros e, nem de propósito, esse clímax coincide com a Revolução dos Cravos. Luís e Maria vão para a rua gritar pelos seus direitos e António deixa o título de “comendador” e assume-se como “empreendedor”. Esta súplica diz tudo e não diz nada, já que **Antes a Sorte que Tal Morte** não é, de maneira alguma, um filme que siga o primado da narrativa, optando quase sempre pelo exercício da paródia e da caricatura e deliciando-se nos trocadilhos e nas ironias da narração. Se isso era evidente por uma série de momentos mais ou menos descabelados que vão pontuando o filme – o filme histórico dentro do filme – tudo fica claro quando, no fim, todas as personagens sobem a um palco e iniciam aquilo que é, claramente, um número de revista à portuguesa, com música e coreografias. A estrutura do teatro de revista é, afinal, a base de **Antes a Sorte** – aliás, até o título soa a título de revista – e o esquema episódico, polvilhado de figuras que remetem ora para a história do país, ora para certas personagens-tipo da portugalidade, confirma-o.

Porém, o filme de João Matos Silva joga com uma série doutras expectativas, procurando quase sempre pervertê-las. Por um lado, aproxima-se do teatro do oprimido (à semelhança do faziam os operários da fábrica da Applied Magnetics – personagens de **O Início da Luta** e **Contra as Multinacionais**, dois filmes da Cinequipa), por outro brinca com os arquétipos da comédia à portuguesa (as tias Custódia e Violante remetem, necessariamente, para **A Canção de Lisboa**); por um lado assume-se como filme político (os discursos de Mali Gusmão sobre a emancipação dos povos africanos são recortados de textos de Amílcar Cabral e há várias imagens de “arquivo” que dão a ver o primeiro 1.º de Maio, o 11 de Março e o 25 de Novembro), por outro, assume uma postura escarninha que põe em causa a força do poder popular face à univocidade do liberalismo capitalista (nessa sequência final chega-se mesmo a matar, à queima roupa, um Capitão de Abril). O que sobra? O próprio gesto de perversão. Aliás, repare-se na inversão do título (o ditado português é “Antes a morte que tal sorte”) que sugere que a morte é já inevitável, isto é, que ela já nem é uma opção face à (má) sorte.

É, assim, mais um dos filmes desiludidos da ressaca da revolucionária. E que, por isso mesmo, surge de mãos dadas com outros dois filmes de Fernando Matos Silva da mesma época (e nos quais João Matos Silva esteve igualmente envolvido): **O Meu Nome É...** (com o qual partilha o ator principal, Rui Mendes, assim como a integração de imagens de arquivo no tecido ficcional) e **Acto dos Feitos da Guiné** (a mesma deferência para com o pensamento anticolonial de Amílcar Cabral, a mesma relação caricatural com as figuras históricas, o mesmo pedestal por onde passam as estátuas vivas da iconografia nacional). Se, de facto, **Antes a Sorte que Tal Morte** foi um filme vilipendiado pela crítica da época, que não conseguiu distribuição comercial e que foi produzido em condições sobejamente insuficiente, à luz do século XXI, cinquenta anos depois do 25 de Abril, aparece como um objeto que, nas suas fragilidades, impõe uma revisitação crítica da história do país, revisitação essa que está ainda por completar. Sinal disso é que a “desfiguração” patética do Infante D. Henrique ou de Luís Vaz de Camões é, ainda, perturbadora.

Ricardo Vieira Lisboa